ENTRE CHRONOS E KAIRÓS: A EJA COMO ESPAÇO-TEMPO DE DIVERSIDADE E CONVIVÊNCIA INTERGERACIONAIS

MEYRE ANE SAMPAIO MOREIRA*
Universidade do Estado da Bahia (UNEB)
https://orcid.org/0000-0002-1466-5906

JOSE VEIGA VINÃL JUNIOR**
Universidade do Estado da Bahia (UNEB)
https://orcid.org/0000-0001-5009-1551

RESUMO

Este artigo objetiva trazer para o campo da reflexão e da discussão a questão do "rejuvenescimento da EJA", com a entrada cada vez mais precoce de jovens nessa modalidade de ensino, e a necessidade de se compreender suas demandas e particularidades específicas. Além disso, versa sobre o convívio entre jovens, adultos e idosos na EJA, destacando as peculiaridades de cada fase da vida humana e a importância de se compreender e conhecer os diferentes perfis e histórias de vida desses sujeitos, bem como as concepções que caracterizam a juventude, a adultez e a velhice na atualidade. Para tanto, pautou-se nos aportes teóricos de autores cujas obras ajudam a compreender a importância de se debater sobre essa temática no cenário atual. A metodologia utilizada consistiu-se em pesquisar e analisar estudos já publicados sobre o tema, por meio de trabalhos acadêmicos, livros e revistas científicas. A partir da revisão bibliográfica evidencia-se que a entrada cada vez mais precoce de jovens na EJA se constitui em um dos grandes desafios dessa modalidade, na contemporaneidade; visto que as demandas e necessidades sugeridas por eles são distintas daquelas apresentadas pelos adultos e idosos que se encontram nas classes de EJA. Por fim, destaca-se a importância de se construir propostas pedagógicas que considerem e respeitem a diversidade dos sujeitos que a EJA compõe, visando proporcionar uma educação de qualidade e respeitando as especificidades de cada um, a fim de promover a inclusão e a valorização de

* Mestranda em Educação de Jovens e Adultos pela Universidade do Estado da Bahia; Especialista em Filosofia, Estudos Culturais e Pesquisa em Educação pela Universidade do Estado da Bahia - UNEB; Especialista em Educação a Distância, também, pela Universidade do Estado da Bahia; Graduada em Pedagogia pela UNEB. Atuou como Coordenadora Pedagógica de Programas voltados para a Educação de Jovens e Adultos pelo NEJA (Núcleo de Educação de Jovens e Adultos) da Pró-Reitoria de Extensão - PROEX / UNEB, no período de 2006 a 2011 e como Web Tutora da Universidade Federal da Bahia - UFBA / FACED, 2012-2013. Professora e coordenadora pedagógica da Rede Municipal de Ensino de Salvador (SMED). E-mail: melsmoreira@hotmail.com

** Professor na Universidade do Estado da Bahia (UNEB. Graduação em Letras com Língua Espanhola pela Universidade Federal da Bahia. Especialização em Metodologia do ensino superior com ênfase em novas tecnologias (FBB) e Especialização em LIBRAS (IBF-Pós). Mestrado em Educação de Jovens e Adultos pela UNEB. Doutorado em Linguística pela Universidade de Vigo-Espanha. Atualmente é professor Adjunto (UNEB-Salvador). Membro Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação de Pessoas Jovens, Adultas e Idosas (UESB). E-mail: jvjunior@uneb.br

todos os sujeitos envolvidos na Educação de Jovens e Adultos.
Palavras-chave: EJA; Convívio Intergeracional; Juventude; Adultez; Velhice.

ABSTRACT

BETWEEN CHRONOS AND KAIRÓS: EJA AS A SPACE-TIME OF INTERGENERATIONAL DIVERSITY AND COEXISTENCE

This article aims to bring into the field of reflection and discussion the issue of "rejuvenation of EJA", with the increasingly earlier entry of young people into this type of teaching, and the need to understand their specific demands and particularities. Furthermore, it deals with the coexistence between young people, adults and elderly people in EJA, highlighting the peculiarities of each phase of human life and the importance of understanding and knowing the different profiles and life stories of these subjects, as well as the conceptions that characterize the youth, adulthood and old age today. To this end, it was based on the theoretical contributions of authors whose works help to understand the importance of debating this topic in the current scenario. The methodology used consisted of researching and analyzing studies already published on the topic, through academic works, books and scientific journals. From the literature review, it is clear that the increasingly early entry of young people into EJA constitutes one of the greatest challenges of this modality in contemporary times; since the demands and needs suggested by them are different from those presented by adults and elderly people who are in EJA classes. Finally, the importance of building pedagogical proposals that consider and respect the diversity of the subjects that EJA comprises is highlighted, aiming to provide quality education and respecting the specificities of each one, in order to promote the inclusion and appreciation of all subjects involved in Youth and Adult Education.
Keywords: EJA; Intergenerational Living; Youth; Adulthood; Old age.

RESUMEN

ENTRE CHRONOS Y KAIRÓS: EJA COMO ESPACIO-TIEMPO DE DIVERSIDAD Y CONVIVENCIA INTERGENERACIONAL

Este artículo tiene como objetivo traer al campo de la reflexión y la discusión la cuestión del "rejuvenecimiento de la EJA", con el ingreso cada vez más temprano de los jóvenes a este tipo de enseñanza, y la necesidad de comprender sus demandas y particularidades específicas. Además, aborda la convivencia entre jóvenes, adultos y personas mayores en EJA, resaltando las peculiaridades de cada fase de la vida humana y la importancia de comprender y conocer los diferentes perfiles e historias de vida de estos sujetos, así como las concepciones que caracterizan la juventud, la edad adulta y la vejez actual. Para ello, se basó en los aportes teóricos de autores cuyos trabajos ayudan a comprender la importancia de debatir este tema en el escenario actual. La metodología utilizada consistió en investigar y analizar estudios ya publicados sobre el tema, a través de trabajos académicos, libros y revistas científicas. De la revisión de la literatura se desprende que el ingreso cada vez más temprano de jóvenes a la EJA constituye uno de los mayores desafíos de esta modalidad en la época contemporánea;

ya que las demandas y necesidades sugeridas por ellos son diferentes a las que presentan los adultos y personas mayores que están en las clases de EJA. Finalmente, se destaca la importancia de construir propuestas pedagógicas que consideren y respeten la diversidad de los sujetos que componen la EJA, buscando brindar una educación de calidad y respetando las especificidades de cada uno, con el fin de promover la inclusión y valorización de todos los sujetos involucrados en la Juventud. y educación de adultos.
Palabras clave: EJA; Vida Intergeneracional; Juventud; Edad adulta; Vejez.

INTRODUÇÃO

O convívio entre diferentes faixas etárias na Educação de Jovens e Adultos (EJA) é um tema relevante e desafiador, e que vem ganhando lugar de destaque cada vez mais nas discussões entre estudiosos e especialistas da área. Cada fase da vida humana apresenta características distintas, que marcaram a história e a trajetória de vida de cada sujeito, quer seja por meio de ações inspiradoras experimentadas por eles, nas mais variadas conjunturas socioculturais, quer seja pelos aspectos e atributos específicos de cada um, tendo em vista que a humanidade institui-se na diversidade. Contudo, "muito embora cada história seja ímpar, construindo o resultado de vivências e experiências particulares, existem momentos em comum que as marcam" (Santos, 2006, p. 12) e a EJA é um exemplo disso, onde jovens, adultos e idosos convivem tempos diferentes num mesmo tempo espacial.

Neste artigo, discutiremos o convívio entre jovens, adultos e idosos na Educação de Jovens e Adultos, analisando suas particularidades, singularidades e as concepções que caracterizam cada uma das fases da vida humana. Também abordaremos o fenômeno do "rejuvenescimento da EJA" e os desafios e resistências que surgem com a presença cada vez mais precoce de jovens nessa modalidade de ensino. Por fim, destacaremos a importância de construir propostas pedagógicas que valorizem e respeitem a diversidade dos sujeitos da EJA, considerando suas demandas e necessidades específicas.

Cada fase da vida humana se apresenta como distintas em seus aspectos internos e subjetivos, que a assinalam e a distinguem com singularidade e particularidade. Por isso, falar sobre o convívio, muitas vezes conflituoso e tenso, entre sujeitos de idades diferentes que se encontram na Educação de Jovens e Adultos, requer conhecer e compreender seus distintos e variados perfis, refletindo e discutindo sobre suas histórias de vida, anseios e contextos sociais, assim como sobre as concepções que caracterizam a juventude, a adultez e a velhice, postas na atualidade, visando abordar de maneira mais aprofundada as questões geracionais.

A nossa forma de olhar e perceber os tempos e ciclos da vida é mutável e temporária, visto que a sociedade se encontra em plena transformação, permitindo, sempre, novas possibilidades de compreensão e acepção das representações sociais já construídas. Em todo caso, embasados pelo ideário de Silva e Soares (2003), conclui-se que juventude, adultez e velhice "são em si ciclos de vida singulares, possuem uma história de vida, leem o mundo e dão-lhe significado, produzem e são produzidos no conjunto das relações sociais. [...] São tempos específicos de formação" (Silva; Soares, 2003, p. 4).

Alguns autores, como Leão (2011), insinuam que houve mudanças no perfil dos estudantes da Educação de Jovens e Adultos, que, no fim do século passado, assumiram nova identidade. Para o autor, durante muitas décadas, a EJA atendia, majoritariamente, sujeitos adultos, notadamente, advindos do meio rural, todavia, nos últimos anos, houve uma "invasão" de jo-

vens nas classes dessa modalidade de ensino, sobretudo, jovens originários dos grandes centros urbanos, marcados por percursos escolares, anteriores, malsucedidos, caracterizados pela falta de êxito, pelo insucesso escolar.

Esse 'rejuvenescimento da EJA', como é denominado por Arroyo e Dayrell (2011), se trata de um fato relativamente recente, contudo a entrada de jovens na EJA vem crescendo, e muito, nas últimas décadas necessitando ser mais bem investigado e compreendido por especialistas e profissionais que atuam nesse campo da educação, especialmente, no que tange às questões voltadas ao direito a uma educação de qualidade, bem como ao respeito à diversidade e as peculiaridades desses sujeitos sociais. É preciso conscientizar-se de que a visão sobre o processo de escolarização na Educação de Jovens e Adultos para os jovens recém-chegados difere, e muito, daquela construída pelos adultos e idosos, em consequência dos diferentes tempos de vida vivenciados por ambos, assim como das suas expectativas e aspirações para o futuro.

Dessa forma, uma parcela, significativa, dos sujeitos adultos que compõem a Educação de Jovens e Adultos julga, de modo demasiado crítico, a presença do jovem nessa modalidade de ensino, argumentando que o mesmo não demonstra seriedade e compromisso pelos estudos, o que interfere, negativamente, em seus processos de aprendizagem. Para muitos adultos, a presença do jovem na turma é uma situação incômoda que acaba, por vezes, desmotivando-os e desestimulando-os em sala de aula. Os "alunos idosos também afirmam uma rejeição aos corpos jovens em sala de aula", "porque fazem bagunça", "porque com as pessoas de mais idade eles se sentem mais seguros" (Ramos, 2008, p. 154). Ainda, de acordo com Ramos (2008), "os discursos dos adultos e idosos, que negativam a juventude, falam da frustração e impotência deles diante de atitudes dos corpos jovens, que afirmam um processo de destradicionalização, irresponsabilização e banalização do mal" (Ramos, 2008, p. 155). Ou seja, adultos e idosos não levam em consideração o fato de que os jovens estudantes da EJA, carregam consigo

> [...] histórias pessoais ricas de experiências também pessoais. A natureza dessas experiências, bem como o modelo pessoal de vivenciá-las, permite tratar esses sujeitos (únicos em sua existência) como um grupo no interior do qual se situam sujeitos que compartilham de uma mesma realidade social (Santos, 2006, p. 13).

Dessa maneira, para muitos autores como Carrano (2008), Arroyo (2011) e Dayrell (2011), a entrada cada vez mais precoce de jovem na Educação de Jovens e Adultos se constitui em um dos grandes desafios dessa modalidade educativa, na atualidade, visto que as demandas e necessidades sugeridas por eles são distintas daquelas apresentadas pelos sujeitos adultos e idosos que se encontram nas classes de EJA. A juvenilização da EJA é desafiadora, também, porque envolve lidar com uma demanda crescente de jovens com particularidades próprias e demandas sociais, emocionais e de inserção no mercado de trabalho, que precisam ser consideradas na elaboração de currículos e metodologias de ensino, além da utilização de estratégias pedagógicas diferenciadas de forma a tornar o aprendizado significativo e contextualizado para tornar sua trajetória educacional bem-sucedida.

Torna-se necessário, então, a construção de propostas pedagógicas que se aproximem mais da particularidade das experiências experimentadas por jovens e adultos, dando novos contornos e movimentos à Educação de Jovens e Adultos, concebendo-a como espaço de direitos desses sujeitos, dentro das suas subjetividades e em seus trajetos escolares, mas, acima de tudo, em suas trajetórias humanas.

TEMPOS DIFERENTES NUM MESMO TEMPO ESPACIAL: ASSIM CONVIVEM JOVENS, ADULTOS E IDOSOS DA EJA

Os tempos diferentes mencionados no subtítulo estão relacionados às experiências de vida

e aos contextos em que cada geração cresceu e se desenvolveu, e na Educação de Jovens e Adultos, isso implica em lidar com as diferenças não apenas de idade, mas também de conduta, ritmos de aprendizagem, expectativas e interesses, o que pode impactar na dinâmica do processo educacional, tendo em vista que cada faixa etária possui histórias e vivências únicas. Nesse sentido, é fundamental que os educadores possuam uma abordagem pedagógica inclusiva, que valorize e respeite cada indivíduo em suas particularidades, estimulando a troca de experiências entre os alunos e a construção coletiva do conhecimento. Além disso, é importante criar um ambiente de convivência harmoniosa, promovendo o respeito, a empatia e a valorização da diversidade, para que todos os alunos se sintam acolhidos e integrados no ambiente educacional.

Destacamos que adultos e idosos da EJA trazem um repertório vasto de experiências e conhecimentos acumulados ao longo dos anos; os jovens, por sua vez, trazem uma perspectiva de aprendizagem renovada e uma conexão com a cultura contemporânea. Assim, conviver com essa diversidade de idades na Educação de Jovens e Adultos traz benefícios tanto para os jovens quanto para os adultos e idosos, visto que os jovens têm a oportunidade de aprender com a vivência dos mais experientes, compartilhar conhecimentos e refletir sobre suas próprias perspectivas de futuro. Já os adultos e idosos da EJA passam a ter contato com as novas gerações, podendo vivenciar uma troca de saberes intergeracional e se manterem 'conectados' com as transformações sociais da atualidade.

Sobre esse assunto, Gadotti (1997) ressalta a importância da interação entre diferentes faixas etárias na Educação de Jovens e Adultos, afirmando que essa convivência enriquece o processo educativo, oportunizando uma aprendizagem que vai além dos conteúdos curriculares. O autor, ainda, destaca que os jovens podem aprender com a experiência dos adultos e idosos, ao passo que estes também podem se beneficiar das novas perspectivas trazidas pelos mais jovens. Dito isto, trazemos o pensamento de Freire (2002, p. 35), para reforçar o que foi posto quando ele nos diz que "a educação deve ser vista como o ato de produzir e reproduzir a cultura, que gera transformações sociais".

Nesse sentido, a Educação de Jovens e Adultos pode ser entendida como um espaço de troca e aprendizado mútuo entre jovens, adultos e idosos, que trazem consigo experiências de vida e conhecimentos diversos. No entanto, é importante ressaltar que nem sempre essa convivência é fácil, tendo em vista que diferentes formas de comunicação, de linguagem, estilos de aprendizado e expectativas podem tensionar o ambiente da sala de aula, gerando conflitos e desentendimentos.

Logo, é fundamental que os espaços de ensino-aprendizagem na Educação de Jovens e Adultos promovam a valorização das diferenças e o respeito mútuo, oferecendo estratégias e recursos que contemplam a diversidade presente em sala de aula. Para tanto, cabe aos educadores e a toda comunidade escolar criar um ambiente acolhedor e inclusivo, fomentando o respeito e a troca de experiências entre as diferentes gerações presentes. E, par melhor entendimento acerca de cada fase da vida humana, traremos a seguir, brevemente, as concepções que caracterizam a juventude, a adultez e a velhice nos tempos contemporâneos; às quais têm se tornado mais flexíveis e subjetivas, tendo em vista que mais do que simples categorias baseadas na idade, essas fases da vida são compreendidas levando em consideração aspectos sociais, culturais e psicológicos, o que reflete a complexidade e diversidade da experiência humana. E, essa diversidade contribui para a construção de uma sociedade mais inclusiva e solidária.

JUVENTUDE

No Brasil, nas últimas décadas, a temática da juventude no campo da Educação de Jovens e Adultos insurge nos debates sobre a educação

do país, de modo bastante evidente. É notória a crescente presença de jovens, ainda na fase da adolescência, nas classes dessa modalidade de ensino. Essa presença, cada vez maior, de jovens nas turmas de EJA é denominada por Carrano (2008) como fenômeno da "juvenilização da EJA", inclusive, segundo o autor, muitas vezes o contingente de jovens que estão na EJA, representa uma absoluta maioria ou a quase totalidade dos sujeitos que a compõem. Essa situação nos leva a refletir e a fazer o seguinte questionamento: por que jovens, cada vez mais jovens, adentram o contexto da Educação de Jovens e Adultos? Na busca pela resposta para esse questionamento, nós apoiamos nos aportes teóricos de Dayrell (2011) ao dizer que,

> As experiências escolares desses jovens são diferenciadas. Alguns deles foram excluídos da escola nos mais variados estágios, a maioria antes de completar o Ensino Fundamental, com uma trajetória marcada por repetências, evasões esporádicas e retornos, até a exclusão definitiva (Dayrell, 2011, p. 63).

Outrossim, significa que a instituição escola não acolheu esses jovens sujeitos, uma vez que o atual sistema de ensino tem se mostrado distante das suas expectativas, desejos e necessidades, se colocando, muitas vezes, insensível em relação às suas vivências fora das suas dependências. Além disso, muitos são "jovens oriundos de famílias com baixo "capital cultural" e que experimentaram acidentadas trajetórias que os afastaram do "tempo certo" da escolarização" (Carrano, 2008, p. 55). Portanto, buscando enfrentar e superar o desafio desse episódio de 'rejuvenescimento da EJA', torna-se imprescindível procurar conhecer e compreender os jovens estudantes, ouvi-los, valorizar as experiências que trazem consigo ao ingressarem na escola, enxergá-los como realmente são, sujeitos que compreendem o mundo a partir da sua percepção e procuram agir, do seu jeito, sobre ele, buscando dar significado às suas vidas. Do mesmo modo, é necessário "repensar a escola, seus currículos com suas práticas educativas a partir de uma nova pauta de questões" (Dayrell, 2011, p. 63). Além do mais,

> Deveríamos caminhar para a produção de espaços escolares culturalmente significativos para uma multiplicidade de sujeitos jovens – e não apenas alunos – histórica e territorialmente situados e impossíveis de conhecer a partir de definições gerais e abstratas (Carrano, 2008, p. 56).

Corroborando com nosso pensamento, Brunel (2004) acredita que conhecer o jovem e suas trajetórias escolares é fundamental para que possamos mudar nossa visão sobre ele, procurando compreendê-lo dentro da sua pluralidade juvenil. Ainda, de acordo com a autora, "conhecer um pouco do seu cotidiano, seus sonhos, seus engajamentos culturais, sociais e políticos, nos aproxima cada vez mais deles e nosso olhar antes restrito vai se transformando em um novo olhar, mais rico e interessante" (Brunel, 2004, p. 86). Mas, o que significa ser jovem nos dias de hoje? Na busca pela definição desse sujeito social, em sua concretude, nos pautamos no pensamento de Dayrell (2011) quando ele afirma que:

> A juventude pode ser entendida, ao mesmo tempo, como uma condição social e uma representação. De um lado, há um caráter universal dado pelas transformações do indivíduo em determinada faixa etária, nas quais completa o seu desenvolvimento físico e enfrenta mudanças psicológicas. Mas a forma como cada sociedade e, no seu interior, cada grupo social vão lidar e representar esse momento é muito variado no tempo e no espaço (Dayrell, 2011, p. 55).

Ainda, com base na percepção do autor "podemos afirmar que não existe juventude, mas sim *juventudes*, no plural, enfatizando, assim, a diversidade de modos de ser jovem na sociedade" (Dayrell, 2011, p. 55). Partindo desse pressuposto, Leão (2011) disserta sobre o desafio de se discutir questões referentes à juventude, pois essa é uma categoria que gera polêmica e acaloradas discussões no meio social. Para o referido autor,

> A juventude é uma construção histórica, fruto tanto das transformações sociais e econômicas

> da modernidade, do seu tratamento como objeto de estudo acadêmico-científico quanto das representações sociais construídas em épocas e contextos específicos (Leão, 2011, p. 73).

Outra concepção para juventude, bastante difundida no senso comum no meio social, a caracteriza como o período de passagem da fase infantil para a fase adulta. Nesse entendimento,

> Os jovens são abordados a partir da ideia de indeterminação, marcados por uma crise de identidade e de valores. A juventude assume assim um caráter negativo – fase de confusões, de conflitos, de rebeldia – em contraposição à positividade da vida adulta, à qual está subordinada (Leão, 2011, p. 73).

Arroyo (2011), por sua vez, contra-argumenta em favor de que a juventude,

> Nas últimas décadas, vem se revelando como um tempo humano, social, cultural, identitário que se faz presente nos diversos espaços da sociedade, nos movimentos sociais, na mídia, no cinema, nas artes, na cultura. Um tempo que traz suas marcas de socialização e sociabilidade, de formação e intervenção (Arroyo, 2011, p. 21).

Em suma, a juventude é uma categoria complexa e plural, marcada por transformações sociais e pela construção de identidades específicas em diferentes contextos sociais e históricos. Não podemos pensá-la de forma homogênea, pois cada jovem vivencia e constrói sua própria realidade e significados. Desse modo, diante dos múltiplos entendimentos para o significado de juventude trazidos para o campo da reflexão, fazemos outro questionamento: e o jovem aluno da EJA, quem é ele?

Procurando responder a essa indagação, nos embasamos no pensamento de Jardilino e Araújo (2014) ao afirmarem que os jovens educandos da Educação de Jovens e Adultos, "são alunos que se situam na categoria de distorção idade/série, ou seja, alunos que, após uma trajetória marcada por reprovações e evasões, não apresentam idade compatível para a série" (Jardilino; Araújo, p. 184, 2014) e são encaminhados para EJA pelo sistema de ensino. Ainda, conforme pensamento dos autores ao citarem Andrade (2004), esses jovens que carregam a marca da pobreza,

> São jovens que, por uma série de motivos, precisaram abandonar a escola; vivem em periferias, favelas, vilas e bairros pobres, principalmente nas grandes cidades; são majoritariamente negros; circulam no espaço escolar um 'incansável' número de vezes, com entradas, saídas e retornos, após o período estabelecido como próprio para a vida escolar (Jardilino; Araújo, 2014, p. 185).

Ao ingressarem na Educação de Jovens e Adultos, esses jovens sujeitos são recebidos com certa desconfiança e resistência, visto que "alguns professores (e também alunos mais idosos) parecem convencidos de que os jovens alunos da EJA vieram para perturbar e desestabilizar a ordem 'supletiva' 'escolar' (Carrano, 2008, p. 55). Todavia, o que se percebe é que o jovem "aluno quer ser ouvido, quer opinar, só ficará calado em sala de aula se esta não lhe suscitar alguma reação, se o que ele aprende não lhe causar nenhum interesse" (Brunel, 2004, p. 33).

Assim, ao invés de estabelecer, previamente, um padrão do que se espera que seja um jovem estudante, buscando uniformizá-lo dentro do ambiente escolar, exigindo que esse se adeque às regras preestabelecidas, a escola, assim como os professores, devem procurar conhecê-lo, não apenas dentro do seu contexto escolar, mas além dos seus muros, procurando descobrir de que forma ele constrói seu jeito juvenil, sua forma de ser jovem, para que se possa compreendê-lo e, a partir de então, poder intervir positivamente no seu processo de aprendizagem, criando situações onde ele possa se fazer agente construtor do próprio conhecimento.

O professor da EJA, buscando conhecer melhor seus jovens alunos, exerce um papel "extremamente importante, pois estes jovens possuem um histórico escolar permeado por problemas, não só no campo cognitivo, mas no campo social, econômico e emocional" (Brunel, 2004, p. 34). Esses jovens "querem ser reco-

nhecidos, querem uma visibilidade, querem ser alguém num contexto que os torna invisíveis, ninguém na multidão" (Dayrell, 2011, p. 61). Para tal, faz-se necessário que tanto a escola quanto o professor consigam enxergar e perceber o jovem aluno da EJA como um ser pensante, rico em conhecimentos adquiridos em suas vivências, capaz de dizer muitas coisas. Assim, é preciso dar voz e vez a esse aluno para que ele seja um sujeito partícipe do processo de pensar os saberes e se sinta parte integrante do constructo escolar. Portanto, o jovem aluno da Educação de Jovens e Adultos precisa se reconhecer nela, a fim de valorizá-la e referendá-la.

ADULTEZ

Assim como as outras fases da vida humana, o ideário sobre adultez é uma construção social relacionada ao período histórico vivenciado pelo homem. Deste modo, acreditamos ser importante o entendimento sobre essa etapa da vida na atualidade, no intuito de conhecê-la e compreendê-la para, então, poder identificar qual é a ideia que a sociedade está construindo sobre o indivíduo adulto, assim como as aspirações sociais, em termos de futuro, se conferem a esse sujeito. Segundo Heringer (2014, p. 64), "o conceito de adulto não está mais ligado apenas à idade cronológica, mas também ao desenvolvimento emocional, [...] e à assunção de papéis sociais". Além disso, ser adulto também suscinta em compreender e lidar com as questões do mundo contemporâneo, mudanças sociais e ambientais, e estar preparado para enfrentar os desafios que surgem nesse contexto. Nesse sentido, ser adulto vai além da mera passagem do tempo e implica responsabilidades, além de conquistas pessoais.

De acordo com Ramos (2008, p. 77) adultez é "lugar de lucidez, racionalidade, discernimento, de senso de direção e de projetos", podendo ser entendida como ideário de movimento e aprendizagem, onde as experiências e os conhecimentos se acumulam, possibilitando ao ser adulto agir de modo mais cônscio na tomada de decisões, refletindo mais claramente sobre aspectos cotidianos, tornando-se um indivíduo mais compreensivo, autônomo, inventivo, além de desenvolver a capacidade de conciliação, tolerância e cooperação. Ainda, sobre essa fase da vida, Ramos (2008) nos ensina que,

> As narrativas sobre o lugar do adulto construíram uma imagem idealizada de consciência, responsabilidade, maturidade e racionalidade para a adultez. [...] ser adulto é: "ter responsabilidade; é ter família; não fazer coisa errada, porque já sabe o que é certo e errado; é uma pessoa bem pensada, estuda, trabalha, toma conta dos filhos direitinho; é trabalhar, é ter obrigações a cumprir" [...] (Ramos, 2008, p. 157-158).

Dito isto, compreendemos a adultez como sendo a mais extensa etapa da vida humana, atribuindo às pessoas adultas, por meio da maturidade e das experiências acumuladas, reponsabilidades mais complexas em relação às etapas anteriores da vida. Isso porque, a fase adulta é tida como um período de vivências que servem de referência a outros períodos da vida. A adultez, também, é percebida como um momento de equilíbrio e desequilíbrio; um tempo assinalado pela dedicação e pela decepção com a vida profissional; um tempo que há muito foi desejado pela juventude de outrora, mas que na contemporaneidade é rejeitado ou, pelo menos, adiado o máximo possível por crianças e jovens.

Referendando nosso pensamento, Ramos (2008) – durante a pesquisa para a sua tese de doutorado – questionou a algumas crianças o significado da adultez para elas, obtendo respostas que retratam a fase adulta da vida como algo chato, negativo e indesejado, como se observa a seguir:

> Quando eu questionei o conceito de adultez, 90% das crianças responderam com o verbo "trabalhar". Em segundo lugar apareceu a resposta "ganhar dinheiro", em seguida, "cuidar da família", "tem que fazer muitas coisas; tem muita responsabilidade; é muito chato e cansativo; é não brincar; gente grande não curte a vida; gente grande não é muito feliz; sofre demais; é muito rim" (Ramos, 2008, p. 122).

No campo da educação, mais especificamente na Educação de Jovens e Adultos, a adultez não se apresenta de modo muito diferente do que fora trazido até o momento. A representação da figura adulta traz consigo as incertezas, angústias, frustrações e decepções experenciadas por sujeitos que vivenciaram e, ainda, vivenciam situações de disparidade social. Muitos adultos que frequentam a EJA são indivíduos que não tiveram acesso à escola quando crianças e/ou jovens, ou que tiveram acesso, mas que por algum motivos não puderam dar continuidades aos estudos. Os adultos da EJA possuem um histórico de negação de direitos e trajetórias desfavorecidas e essa desvantagem social dificulta a sua participação plena na sociedade e no contexto educacional.

Portanto, é necessário repensar a concepção de adultez na EJA e questionar os estereótipos sobre esses sujeitos. É fundamental compreender suas necessidades e expectativas, valorizando suas vivências e conhecimentos prévios, pois a EJA não deve ser vista apenas como uma reposição de educação escolarizada não recebida no "tempo adequado", mas como uma oportunidade de acesso a conhecimentos diversos e de reflexão sobre sua trajetória e experiências de vida; visto que a Educação de Jovens e Adultos é muito mais que uma modalidade de ensino, ela representa "um modo de existir, com características próprias" (Brasil, CNE/CEB nº 1/2000, p. 26), possibilitando oportunidades de ascensão profissional, pessoal e emancipação humana.

Não podemos esquecer que os adultos que na EJA estão são marcados por "trajetórias coletivas de negação de direitos, de exclusão e marginalização" (Arroyo, 2011, p. 29). São homens, mulheres, empregados ou desempregados, mas acima de tudo são sujeitos partícipes na construção diária do contexto sócio-histórico do país. Porém, esse mesmo país, por intermédio de uma sociedade elitista, classista, preconceituosa e injusta, os discrimina, os exclui e os marginaliza, principalmente, por comporem um coletivo social, extremamente, desvalorizado porque não dominam ou pouco dominam habilidades necessárias ao desenvolvimento de competências leitoras e escritoras. Por essa razão, aliada a outros fatores, "a EJA não sai de onde sempre esteve: um remédio para suprir carências seja de alfabetização, de escolarização, seja de fome e exclusão e agora de violência e deterioração moral" (Arroyo, 2011, p. 26). Do mesmo modo, Soares e Silva (2003) acreditam que,

> A educação de jovens e adultos tem sido vista, historicamente, como porta de acesso à reposição de uma educação não recebida num tempo passado trazendo para essa modalidade educativa o viés da concepção compensatória de educação (Silva; Soares, 2003, p. 6).

Essa visão reducionista sobre a EJA, assim como sobre os sujeitos que a compõe, nos remete, mais uma vez, ao pensamento de Arroyo (2011) quando o mesmo traz vários questionamentos, bastante instigadores, sobre seus percursos escolares, tais quais:

> Seriam menos capazes para aprender os saberes escolares? São indolentes e não têm consciência de seu direito ao conhecimento ou esperam outros conhecimentos? Que conhecimento responderá a suas interrogações? (Arroyo, 2011, p. 38).

Acreditamos que, quando sujeitos com percursos de vida tão marcados pela negação de direitos, discriminação e segregação social sugerem inquirições acerca de suas aptidões, seus anseios e saberes, têm direito também a uma visão mais ampla acerca das suas trajetórias de vida humana, ao reconhecimento sobre as interrogativas que a vida e a sociedade lhes impõem, duramente, como defende Arroyo (2011).

Para tanto, insistimos sobre a importância de pensar, refletir e mudar as concepções curriculares, assim como as práticas pedagógicas que ainda norteiam a Educação de Jovens e Adultos, enfatizando a necessidade de compreensão sobre os sujeitos dessa modalidade educativa e suas vivencias, bem como valorizando suas especificidades, reconhecendo suas necessidades e expectativas, na tentativa de

auxiliá-los a superar tantas inquirições; o que somente acontecerá por meio da aquisição de saberes, dos mesmos, os quais embasarão a construção e o fortalecimento de conhecimentos diversos, como nos ensina Arroyo (2007).

> Conhecimentos que esclareçam suas indagações, que os ajudam a entender-se como indivíduos e sobretudo como coletivos. Tão vulneráveis, em percursos humanos tão precarizados. A função de todo conhecimento é melhor entender-nos no mundo e na sociedade (Arroyo, 2007, p. 10).

Ainda para o referido autor, as trajetórias de vida dos sujeitos da EJA devem ser "o fio condutor para que se possa pensar os currículos, os tempos e, sobretudo, as imagens que vêm sendo construídas sobre o que é ser jovem e adulto na EJA" (Arroyo, 2007, p. 5); para que então possam ser incluídos, de fato, na sociedade da qual fazem parte, mas que no momento ainda são estigmatizados por ela.

SENILIDADE/IDOSO

O envelhecer é algo natural de todo ser vivo, contudo, para o ser humano esse fenômeno se apresenta como uma limitação para algumas atividades e alterações em suas performances e habilidades. A dificuldade na adaptação e aceitação da nova condição, dos limites que a idade impõe, das modificações que ocorrem na significação de valores e princípios induzem os sujeitos idosos a ocasiões de extremo descontentamento e frustração, gerando conflitos de ordem emocional e psicológica. Além do mais, "muitos indivíduos, infelizmente, não percebem a importância que as pessoas mais velhas, cronologicamente, têm na qualidade de vida e no seu futuro" (Santos; Antunes, 2007, p. 155), não valorizando suas vivências, seus conhecimentos e seus saberes, perdendo, assim, a oportunidade de poder aprender mais com experiências riquíssimas.

Apesar disso, em determinadas situações, a velhice aparece como algo positivo, um privilégio para quem viveu muito e pôde construir, significar e ressignificar conhecimentos, acumulando experiências de vida e compartilhando saberes, como nos revela Ramos (2008) ao mencionar que "a positivação da velhice aparece como um reconhecimento do idoso como um conselheiro e educador em potencial, valorizando o saber experiencial dos corpos velhos" (Ramos, 2008, p. 141-142).

No contexto educacional os idosos têm muito a contribuir, pois possuem conhecimentos, saberes e experiências enriquecedoras; no entanto, muitas vezes são negligenciados e não valorizados. Destarte, é preciso combater o estigma e a exclusão que os idosos enfrentam na sociedade e, também, na Educação de Jovens e Adultos; uma vez que a educação é uma ferramenta fundamental para promover a igualdade de direitos e possibilitar que os idosos sejam vistos como agentes de transformação social. Para tanto, é necessário reconhecer a diversidade de experiências e vivências dos idosos na EJA, valorizando suas histórias e sua bagagem de conhecimentos acumulados ao longo de uma vida inteira.

A velhice é um período marcado por transformações físicas, biológicas, psicológicas, sociais e pela acumulação de experiências de vida. Além disso, a velhice também pode ser um momento de reflexão sobre a vida, de reavaliação de valores e crenças, e de busca por um significado maior. Muitas pessoas idosas buscam uma conexão espiritual mais profunda e desenvolvem uma visão mais filosófica em relação à vida quando se tornam idosas. Complementando esse pensamento, Lins (2010) nos diz que:

> Do ponto de vista biológico, a velhice pode ser definida como resultado da deterioração de danos moleculares; do ponto de vista da psicologia, tem a ver com as etapas de vida do ser humano — crescimento, estabilidade e declínio, esta última correspondendo ao envelhecimento. É fruto do movimento constante de adaptação entre o organismo e o meio (Lins, 2010, p. 7).

Ainda, em conformidade com as ideias da autora, pautadas nas contribuições teóricas de Bobbio (1997),

> Os homens e as mulheres de nosso tempo vivem mais do que antes, no entanto, estão todos submetidos a ritmos biológicos e tecnológicos que os coloca diante de problemas para os quais não se tem ainda nenhuma solução. Nessa direção, ao refletir sobre o significado da velhice, no mundo de hoje, Norberto Bobbio [...] nos diz: — cheguei ao fim não apenas horrorizado, mas incapaz de dar uma resposta sensata a todas as perguntas que os acontecimentos de que fui testemunha continuamente me propõem (Lins, 2010, p. 6).

Nessa perspectiva, compreendemos a fase idosa da vida humana como a estação da memória, dos relatos de experiências, do acúmulo de conhecimentos e saberes diversos, das lembranças, ao se fazer exposições sobre o tempo passado e o tempo presente, selecionadas pelo olhar de quem muito viveu e que observa no colapso do corpo e nos deslizes da mente o alto custo cobrado pelo longo período vivido. Posto isto, percebemos nas palavras de Lins (2010), ao citar Bobbio (1997), que

> [...] não há uma única forma de ser velho e de se viver esse tempo de vida. Para que possamos compreender o velho, precisamos admitir que haja velhices e não, velhice, assim, como há várias formas de juventude e de adultez. Precisamos possibilitar aos homens e as mulheres que estão vivendo esse tempo de vida que cada um deles se reconheça em sua bagagem de experiências vivenciadas – individuais ou coletivas – em sua história de vida, em suas marcas do corpo [...] (Lins, 2010, p. 6).

Em relação ao período idoso da vida na Educação de Jovens e Adultos, o pensamento de Lins (2008) nos revela que:

> Os idosos e as idosas que estão nas classes de Educação de Jovens e Adultos estão inseridos no contexto do processo de envelhecer vivido pela humanidade. No entanto, todos pertencem à classe popular e estão submetidos a um processo de desigualdade social em que suas necessidades não são atendidas. Estão em desvantagem social em relação a outros homens e mulheres que envelhecem, mas que têm acesso às condições necessárias a uma vida digna (Lins, 2010, p. 8).

Igualmente, muitos desses idosos e idosas, que se encontram em turmas da EJA, se apresentam, muitas vezes, como "uma face e uma voz interditada pela escola e pela família" (Ramos, 2008, p. 17). É preciso se pensar sobre esse assunto, pois a educação é uma ferramenta de desenvolvimento das habilidades e manutenção dos saberes e experiências humanas possibilitando que os idosos, também, possam intervir nas questões sociais, como propulsores de transformações de realidades.

Diante de todo esse panorama, considerando-se que a Educação de Jovens e Adultos deve levar em conta as especificidades dos tempos da vida humana, torna-se imprescindível que aprendamos a lidar, não somente com as diversidades socioculturais e étnico-raciais, como também com as diferenças temporais. O que significa que precisamos compreender os diversos tempos existentes nas classes da EJA, valorizando e respeitando a pluralidade dos sujeitos aprendentes que vivem tempos distintos num mesmo espaço. Todavia, jovens, adultos e idosos da EJA são pertencentes às classes populares e vítimas da desigualdade social. Assim, independentemente da idade, buscam na escola possibilidades de construir uma vida mais justa, mais digna.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

É fato que quando uma fase da vida se finda, tão logo outra se inicia e, neste ciclo do "ir" e "vir", o tempo passa nos obrigando a lembrar do Chronos que nos angustia pelo tic-tac do relógio. Assim, os anos se esvaem e nem sempre estamos atentos ao que realmente importa: lutar pelo que desejamos; insistir, resistir e persistir pelo que acreditamos. Esse deve ser um lema para os sujeitos da Educação de Jovens e Adultos, tendo em vista que muitos buscam na escola a realização de antigos sonhos, como aprender a ler e escrever, assim como ampliar/construir conhecimentos, bem como sistematizar tantos outros e, ainda, desenvolver habilidades que lhes proporcionem melhores oportunidades

de emprego e melhorias em suas condições de vida. Portanto, considerando todas essas questões, devemos alimentar o nosso tempo Kairós.

É fato de que o convívio entre jovens, adultos e idosos na EJA traz desafios, mas traz também oportunidades para repensar as concepções sobre as diferentes fases da vida humana e construir propostas pedagógicas mais inclusivas. Assim, é importante valorizar e reconhecer as particularidades de cada sujeito, suas vivências e conhecimentos, proporcionando um ambiente de diálogo, compartilhamento de saberes e aprendizagem coletiva. Logo, a EJA deve ser um espaço acolhedor para todos os sujeitos, independentemente da idade, onde cada um possa se reconhecer e ser reconhecido, pois a diversidade temporal é uma realidade que deve ser considerada, permitindo que jovens, adultos e idosos convivam de forma harmoniosa e enriquecedora.

Por fim, entender as diferentes concepções de juventude, adultez e velhice na atualidade, bem como suas implicações na EJA, é fundamental para garantir uma educação de qualidade e respeito à diversidade. Por conseguinte, faz-se necessário repensar as práticas pedagógicas, considerando as demandas e necessidades específicas de cada fase da vida, a fim de promover a inclusão e a valorização de todos os sujeitos envolvidos na Educação de Jovens e Adultos. Portanto, urge-se a necessidade de necessário se adotar uma abordagem didático-pedagógica que seja centrada na diversidade e no respeito às diferenças individuais, mediante adaptação e flexibilização do currículo, priorizando conteúdos/assuntos que busquem atender às necessidades das diferentes faixas etárias existentes na EJA. Além disso, é importante que os professores estejam preparados para identificar e responder às necessidades específicas de estudante e, também, para lidar com as diferentes idades e estágios de desenvolvimento desse sujeitos nas classe de EJA.

Portanto, há que se investir na formação docente, para que este se utilize de metodologias de ensino e estratégias pedagógicas que promovam a participação ativa de todos os estudantes, independentemente da idade, incentivando o compartilhamento de experiências entre eles e promovendo a colaboração, a cooperação e o respeito mútuo dentro e fora da sala de aula. Somente dessa forma será possível promover a inclusão e valorização de todos os sujeitos envolvidos na Educação de Jovens e Adultos, garantindo que cada sujeito aprendente tenha a oportunidade de alcançar seu pleno potencial educacional, com vista ao crescimento pessoal e profissional, assim como a sua emancipação humana.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel Gonzalez. **Balanço da EJA:** o que mudou nos modos de vida dos jovens-adultos populares? REVEJ@ - Revista de Educação de Jovens e Adultos, v. 1, n. 0, p. 1-108, ago. 2007. NEJA-FaE-UFMG. Belo Horizonte. Disponível em: https://nedeja.uff.br/wp-content/uploads/sites/223/2020/05/Balano-da-EJA-MiguelArroyo.pdf. Acesso em: 28 jun. 2024.

_____. Educação de Jovens-adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública. *In*: Soares, L.; Giovanetti, M. A.; Gomes, N. L. **Diálogos na Educação de Jovens e Adultos**. 4ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação (CNE). **Diretrizes curriculares nacionais para a Educação de Jovens e Adultos.** Resolução CNE/CEB n° 01/2000. Brasília, 2000. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB012000.pdf. Acesso em 30 jun. 2024.

BRUNEL, Carmen Teresinha. **Jovens cada vez mais jovens na Educação de Jovens e Adultos**. Porto Alegre: Mediação, 2004.

CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues. Educação de Jovens e Adultos e juventude: o desafio de compreender os sentidos da presença dos jovens na escola da "segunda chance". *In:* MACHADO, M. M. **Formação de educadores de jovens e adultos.** Brasília: Secad/MEC, UNESCO, 2008.

DAYRELL, Juarez Tarcísio. A juventude e a Educação de Jovens e Adultos: reflexões iniciais – novos sujeitos. *In:* Soares, L.; Giovanetti, M. A.; Gomes, N. L. **Diálogos na Educação de Jovens e Adultos**. 4ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: **saberes necessários à prática educativa**. 42. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

GADOTTI, Moacir. Educação de Jovens e Adultos: **teoria, prática e proposta.** 10. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

HERINGER, Fernanda. Desenvolvimento humano: **uma abordagem bioecológica de Bronfenbrenner.** São Paulo: Thomson Reuters Brasil, 2014.

JARDELINO, José Rubens Lima; ARAÚJO, Regina Magna Bonifácio de. **Educação de Jovens e Adultos:** sujeitos, saberes e práticas. 1ª Ed. São Paulo: Cortez, 2014.

LEÃO, Geraldo Magela Pereira. Políticas de Juventude e Educação de Jovens e Adultos: tecendo diálogos a partir dos sujeitos. In Soares, Leôncio; Giovanetti, Maria Amélia; Gomes, Nilma. Lino. **Diálogos na Educação de Jovens e Adultos**. 4ª ed. – Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

LINS, Maria José de Faria. **Sujeitos da Educação de Jovens e Adultos:** Tempos de Juventudes, de Adultez e de Velhices. In: III Seminário Políticas Sociais e Cidadania, 2010, Salvador, 2010.

RAMOS, Keila Queiroz e Silva. **Os corpos enrugados e meus "outros" espelhos etários.** João pessoa, 2008. Tese - Universidade Federal da Paraíba. Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/7498/2/arquivototal.pdf. Acesso em: 19 jun. 2024.

SANTOS, B. S. dos; ANTUNES, D. D. **Vida Adulta, Processos Motivacionais e Diversidade.** Educação (PUCRS. Impresso), v. 29, p. 149-164, jan./abr. Porto Alegre/RS, 2007. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Disponível em: http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/viewFile/544/380. Acesso em: 19 jun. 2024.

SANTOS, Giovania Lúcia dos. Quando adultos voltam para a escola: o delicado equilíbrio para obter êxito na tentativa de elevação da escolaridade. In Soares. **Aprendendo com a diferença:** Estudos e Pesquisas em Educação de Jovens e Adultos. 2ª Edição. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2006

SILVA, Maria Clemência de Fátima; SOARES, **Leôncio** José Gomes. **A Educação de Jovens e Adultos e questões da ordem do tempo.** VI Seminário de educação de jovens e adultos. Campinas, Unicamp, 22 a 25 de julho de, 2003. Disponível em: http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais14/Cse01.html. Acesso em: 24 jun. 2024.

Recebido em: 16/07/2024
Aprovado em: 29/12/2024